

Revista Filosófica de Coimbra

VOL. 3 • N.º 5 • MARÇO 94

MIGUEL BAPTISTA PEREIRA - *Retórica, Hermenêutica e Filosofia*

MARINA RAMOS THEMUDO - *Ao Princípio era a Acção? Observações acerca das notas 611-660 das Philosophische Untersuchungen de Ludwig Wittgenstein*

MARIA LUÍSA PORTOCARRERO F. SILVA - *Retórica e Apropriação na Hermenêutica de Gadamer*

BEN SCHOMAKERS - *The Blindness of Contemplation. On thinking according to Aristotle*

AMÉRICO LOPES DA SILVA - *Reencontro com Albert Camus*

ANTÓNIO MANUEL MARTINS - *Wallace e a Lógica da Descoberta científica em Galileu. A propósito da edição recente dos Tratados Lógicos de Galileu*

prática da análise de etimologias nas épocas clássica e pré-clássica (86). Apoiando-se muito na obra de V. Goldschmidt, Baxter tenta encontrar a reyposta que lhe parece mais satisfatória para a leitura deste trecho difícil mantendo sempre aberta a linha de continuidade com a primeira e a terceira e última parte (86-106). Um dos resultados importantes da análise das etimologias é que elas são um instrumento pouco seguro na busca do saber acerca das coisas. O que está em causa, nesta interpretação, é a pressuposição impensada de muitos poetas e sábios, de Homero aos Sofistas, de que a linguagem - neste caso, a língua grega nas suas mais diversas configurações, diz, de facto, como é que as coisas realmente são.

Baxter não ignora a quantidade de problemas que se levantam neste contexto a começar pelos que se situam ao nível da composição do próprio texto do *Crátilo*. Por isso, no cap. 5, procura explorar algumas referências a possíveis alvos das etimologias (107-163). Seguindo a divisão das etimologias em três grandes grupos (nomes de divindades, nomes referentes ao domínio da *physis*, nomes que designam virtudes e vícios), depois de uma breve discussão do papel de Eutifron, Baxter analisa a função das etimologias em Homero e nos filósofos-poetas, nos seguidores de Anaxágoras e Diógenes sem esquecer os sofistas (Protágoras e Pródico). A hipótese de trabalho, como vimos, é que Platão pretende criticar vários representantes da cultura grega pelo facto de não terem compreendido correctamente a relação entre os nomes e as coisas designadas. Baxter tem consciência de não ter conseguido produzir uma prova concludente mas contribuiu, de certo, para tornar mais plausível a sua leitura. Finalmente, aborda no cap. 6, a refutação de Crátilo (164-183). Aqui interessa não tanto a discussão da aporia final, objecto de numerosos estudos quanto a articulação daquela com a análise das etimologias.

O estudo de T. Baxter não conseguirá convencer todos os leitores da justeza das suas sugestões de leitura. Mas poderá contribuir para estimular alguns leitores no sentido de uma leitura unificada do texto platónico e, *last but not least*, contribuir decisivamente para a generalização da convicção de que a leitura do *Crátilo* pode revelar-se relevante, sob o ponto de vista filosófico, para o leitor hodierno.

António Manuel Martins

HARDY, L. & EMBREE, L. (Eds), *Phenomenology of natural science*. Contributions to Phenomenology 12 (Dordrecht/Boston/London: Kluwer, 1992) XIV + 301 pp.

A publicação deste volume é considerada pelos seus editores como o sinal claro da emergência de uma tendência fenomenológica no seio da filosofia da ciência praticada nos E.U.A. na sub-disciplina da filosofia das ciências da natureza. De entre os que se destacaram neste movimento, merece especial referência A. Gurwitsch pelo trabalho pioneiro realizado nos anos 50. A título simbólico publica-se, neste volume, postumamente, um breve apontamento sobre *Física e Fenomenologia* (35-44) que constituiu o comentário de Gurwitsch a uma conferência homónima de Henry Margenau em 1943. Muitos dos trabalhos presentes neste volume colhem a sua inspiração no Husserl da maturidade muito particularmente na *Crise das ciências europeias e fenomenologia transcendental*. Um denominador comum a estes trabalhos é a procura de novas bases para repensar o realismo científico face aos dados mais recentes da investigação científica nos domínios da física e da biologia bem como aos desafios lançados pela nova filosofia da ciência.

Lee Hardy, apresenta os traços gerais da concepção husserliana da estrutura básica do conhecimento científico em *A Ideia de Ciência em Husserl e na Tradição* (1-34). Aceitando a caracterização do projecto husserliano como uma epistemologia do tipo fundacionalista forte, L. Hardy rejeita as críticas correntes a este modelo de reflexão sobre o saber bem como a acusação de dogmatismo.

Na *Crise das ciências europeias* Husserl fala do mundo de vida como fonte primordial da intuição científica. Por outro lado, o mesmo Husserl tem alguma dificuldade em explicar satisfatoriamente o hiato entre a criação da matemática e a matematização da física, inaugurada por Galileu. Henry Davis, em *Mundo de vida enquanto mundo construído* (45-69), explora algumas vias alternativas de tornar fecunda a categoria de mundo construído para uma reflexão fenomenológica sobre a história da ciência. Reflexão que pode mesmo vir a colocar em questão a explicação husserliana da gênese da física matemática.

Se H. Davis criticava a análise husserliana por excessivamente intelectualista, J. J. Drummond, em *Matematização indirecta nas ciências físicas* (71-92), aceita os dados fundamentais da análise husserliana na *Crise*. Partindo da caracterização da ciência galileica como "matematização indirecta" das propriedades sensíveis dos objectos, Drummond distingue três etapas neste processo na física e considera os principais desafios lançados pela ciência contemporânea a esta tese husserliana e à epistemologia que lhe está subjacente. Porém, também Drummond está convencido de que se a concepção husserliana da ciência não puder prescindir, de todo, das noções de idealização e formalização, pluralidade definida, exactidão na predizibilidade bem como da tese da identidade reconhecida entre os modelos científicos e os resultados experimentais dificilmente poderá ser considerada adequada face aos desenvolvimentos científicos mais recentes. Contudo, Drummond conclui positivamente no sentido de que a obra de Husserl oferece outros recursos para reinterpretar os dados da ciência contemporânea.

Pierre Kerszberg continua ainda a explorar o mundo da *Crise* reflectindo sobre o ideal de exactidão característico do projecto husserliano (*Das essências exactas e inexactas na ciência física moderna*, 93-118).

Charles W. Harvey e J. D. Shelton procuram estabelecer os laços entre a *Fenomenologia de Husserl e a ontologia das ciências da natureza* (119-133). Estamos perante um exercício analítico em que os autores pretendem mostrar as virtualidades do aparato conceptual husserliano designadamente no âmbito da lógica formal e transcendental para a determinação do "status ontológico" de objectos de uma teoria científica. Feitas as distinções pertinentes, trata-se de ir pedir à história da ciência exemplos em que as categorias husserlianas possam ser relevantes para decidir sobre o que realmente é e o que não é.

John C. McCarthy explora igualmente as virtualidades da mereologia husserliana bem como a sua doutrina da intuição categórica em *Husserl e a nova biologia* (135-156). Objectivo principal seria ver até que ponto se pode ir na reinterpretação da categoria de forma de modo a torná-la utilizável na compreensão da vida.

Os autores que colaboram neste volume adoptam, de um modo mais ou menos claro, uma posição próxima do realismo científico sem, contudo, entrarem no debate directo das questões polémicas que lhe estão associadas. Halley D. Sanchez procura uma saída para o impasse gerado pelas polémicas mais recentes entre realistas e anti-realistas. O texto *Realismo crítico e o debate do realismo científico* (157-171) supõe um conhecimento prévio das linhas gerais da querela e das alternativas mais conhecidas. Entre estas destacam-se o realismo interno de Putnam e a atitude ontológica natural (NOA) de A. Fine. Sanchez considera-as insatisfatórias na medida em que nenhuma delas preserva os aspectos positivos do realismo e do anti-realismo. Por isso, o "realismo crítico" aqui

defendido se apresenta mais como uma tentativa de tornar inteligíveis os dados essenciais da questão do que como uma terceira via face ao realismo e ao anti-realismo. Uma análise interessante embora sumária de uma das grandes querelas do pensamento contemporâneo.

O resto dos ensaios que integram este volume, da autoria de Langsdorf, Heelan, Creese e Kockelmans, representam a variante hermenêutica desta filosofia da ciência de raiz fenomenológica. Assim, Lenore Langsdorf pretende reinterpretar a filosofia da ciência de T. S. Kuhn como um textualismo partindo da teoria do texto de Ricoeur: *Realismo e idealismo na explicação kuhniana da ciência* (173-195). Alguns dos problemas aqui levantados são cruciais e requerem um trabalho insano para se poder chegar um pouco mais longe. A simples proposta de Langsdorf de ler a "natureza" como "texto" e o "mundo" como o tema dos projectos dos cientistas/investigadores bem como a concomitante compreensão do mundo como fonte multívoca de sentido não pode ser entendida senão como a afirmação genérica de uma intenção programática.

Patrick A. Heelan analisa em *Um problema pós-moderno: a nova relevância do experimento* (197-213) as possibilidades de reintegrar a ciência e a tecnologia na grande Tradição do Ocidente recuperando a dimensão poética e criativa.

Robert P. Creese continua na mesma área reflectindo sobre *O problema da experimentação* (215-235) procurando integrar elementos colhidos na leitura dos §§ 15-18 de *Ser e Tempo*. Explorando a analogia do teatro, Creese visa uma compreensão da experimentação como performance.

No último ensaio deste volume, Kockelmans faz uma análise sumária das teses centrais de Lakatos, Kuhn e Kurt Hübner e sua aplicação na história da ciência. O manancial de exemplos é, como sempre, a história da Física. Objectivo central deste ensaio e recolher alguns elementos que permitam delinear um esboço que possa contribuir *Para uma teoria hermenêutica da História da Ciências da Natureza* (237-264). Neste contexto, adquirem particular relevo as questões da objectividade e historicidade da ciência.

O volume termina com uma bibliografia ordenada cronologicamente dos principais textos de "fenomenologia" no âmbito da filosofia das ciências da natureza (265-290).

António Manuel Martins